Labirinto da extrema direita

Luiz Marques

17/04/2024

A ascensão da extrema direita no plano internacional desafia a *intelligentsia* progressista. Entre as variáveis apontadas acham-se a globalização que divide a sociedade em vencedores e perdedores, o impacto com a profusão de inovações tecnológicas, as desigualdades que rompem o pacto entre as classes sociais, o derramamento de predisposições recalcadas no politicamente correto, os efeitos imigratórios, a aporofobia e o ressentimento. Um desconserto difuso e muito corrosivo percorre o tempo presente. “Até 2014, não havia partidos da direita radical na Austrália, no Canadá, na Irlanda, em Luxemburgo, na Nova Zelândia, em Portugal ou na Espanha”, sublinha o cientista político da Universidade de Nova York, Adam Przeworski, em *Crises da democracia*. Para um toque latino-americano, é possível reatualizar a lista regressiva com o Brasil (2018) e a Argentina (2023).

Em muitos países, a tônica em eleições recentes recai na imigração. Conforme o Instituto Gallup, em 2012 e 2014, na opinião de 25% da população na Austrália, 40% nos Estados Unidos e 69% no Reino Unido a imigração deveria ser reduzida. Em certos contextos, a discriminação incide mais na definição do voto do que as pautas econômicas. Mesmo por que a percepção da economia é afetada pelas lealdades partidárias. Após a eleição de Donald Trump, eleitores democratas reconsideraram para baixo a avaliação da própria condição de vida, enquanto eleitores republicanos ajuizaram a sua para cima. Não é tarefa fácil selecionar os vetores preponderantes na escolha do voto que fortalece o novo fascismo. Politólogos, sociólogos, antropólogos, filósofos e psicólogos são testemunhas.

A aflição econômica pesa, embora acompanhada por outras aflições. Com uma renda familiar mais elevada e menos instrução, os trumpistas também estão propensos ao desemprego e expostos a uma concorrência de imigrados e no comércio. A insegurança influencia a orientação de seu voto diante do perigo figurado no imaginário, antes que no real. Por outro lado, é indiscutível que viver em comunidades racialmente isoladas, em situações piores de saúde, com mobilidade social precária e uma dependência contínua de benefícios da previdência são prenúncios de um pessimismo sobre o futuro próximo, por conseguinte, de uma religiosa e fiel identificação ideológica com a ultradireita.

Já indivíduos em funções com índices de desocupação rotativa têm maior probabilidade de votar com base em fatores econômicos. Estes, são interpelados pelos programas dos partidos de esquerda. No Brasil, o contingente do eleitorado que possui rendimentos de um a dois salários são os mais vulneráveis às oscilações do mercado de trabalho. Sensível às propostas para uma recuperação, ali, concentrou-se a votação para evitar o avanço do neofascismo e trazer de volta a esperança, no país. O segmento garantiu a vitória para o terceiro mandato, sob liderança de Luiz Inácio Lula da Silva.

Os partidos da direita radical tendem a apelar para o tema da transmigração, amiúde, sem vincular o bode expiatório às propostas de mudanças econômicas e combate à corrupção política. A classe e a ideologia racista não são as únicas categorias da consciência. A "liberdade de expressão" é o ardil utilizado para propagar o terraplanismo impunemente. A realidade paralela ataca e deslegitima o conhecimento, para abduzir o séquito de crédulos com fábulas culturais que hostilizam a diferença. Teses diversionistas simplificam o que é complexo e conduzem as massas a uma zona de conforto.

Adam Przeworski chama a atenção para os resultados de um interessante levantamento realizado na Europa, em 2010, para avaliar a percepção das pessoas sobre tensão social em quatro dimensões: (a) pobres e ricos; (b) gerentes e operários; (c) velhos e jovens; (d) diferentes grupos raciais e étnicos. Esperava-se que umas culpassem os ricos, outras a administração ou a renda desproporcional dos mais velhos, além da imigração. Mas não. As pessoas com dificuldades maiores de subsistência tendem a localizar a tensão em todas as esferas. Aquelas que percebem o tensionamento alto numa dimensão, visualiza-o nos demais enquadramentos. "Elas culpam todo mundo (leia-se: o sistema) porque não sabem a quem culpar", reitera o membro da Academia Americana de Artes e Ciências.

Eu = Tu + Nós

As versões conspiracionistas para unificar com bizarrices os revoltosos afrontam os fóruns capazes de distinguir a verdade da mentira, o sentimento do argumento. A recusa epistemológica da verdade nas discussões públicas provoca o colapso da confiança em instituições tradicionais (universidades) e pressiona a falsa equiparação de narrativas não equivalentes. "Todas as sociedades bem-sucedidas dependem de um grau alto de honestidade para preservar a ordem, defender a lei, punir poderosos e gerar prosperidade", enfatiza o jornalista britânico Matthew D'Ancona, autor de *Pós-verdade.*

A relativização da verdade quebra o parâmetro de convivialidade social e política, impulsiona uma fuga aos nichos protegidos do contraditório. Lembra a assessora que, desmentida sobre a fictícia presença de uma multidão na posse do demagogo da *America First*, na Casa Branca, disparou um comentário que entrou para o folclore da modernidade: "Nós preferimos os fatos alternativos". Em Washington e em Brasília, ex-governantes foram os campeões absolutos de *fake news*. A má-fé, a impostura e a grosseria organizaram o protocolo. A ignorância ganhou uma aura de autenticidade. A violência recebeu o selo de qualidade da distopia. A dúvida, de Montaigne, cedeu o pódio moderno à certeza teocrática e medieval de Silas Malafaia, inimigo jurado do Estado de direito democrático.

A xenofobia, o racismo, a intolerância e o rosário inteiro de preconceitos agem quais combustíveis para energizar a desrazão. Nos EUA, os imigrantes alemães eram "*Krauts*", os italianos "*Dagos*", os japoneses "*Japs*", os poloneses "*Polacks*". Temporariamente as pechas foram contidas pela etiqueta social através da "ação civilizatória da hipocrisia". Quando foi aberto o esgoto, jorraram estigmas linguísticos aos que buscavam oportunidades no novo mundo. O muro que o imperialismo queria na fronteira do México, a multipolaridade põe abaixo com o pluralismo e uma agenda contra a fome.

O movimento neofascista, neoliberal e conservador nada tem de marginal ou antissistêmico. Trata-se de uma articulação com ressonância no interior do sistema, anota o juiz Rubens Casara em artigo para *O ódio como política*, livro organizado por Ester Solano Gallego. Em suma, a crítica traduz os sintomas da "direita jurídica" remanescente da ditadura civil-militar: (a) o convencionalismo pela adesão rígida aos valores da classe média carola; (b) a atitude agressiva que recende a dialética do colonizador e do colonizado, da dominação e da subordinação; (c) o pensamento estereotipado para assingelar as premissas de que parte; (d) a

confusão espúria entre o acusador e o juiz. Deu prova a operação Lava Jato para contemplar o projeto lesa-pátria que se especializou na difusão do *lawfare*. “O poder sou Eu” que ecoa nos tribunais se retroalimenta da excessiva judicialização da política.

De acordo com o economista J. K. Galbraith, o Estado de bem-estar social é o mais significativo acontecimento dos tempos modernos. O extremismo brucutu propugna um retrocesso histórico ao propor o retorno ao “estado de natureza” hobbesiano, em que a acumulação capitalista impõe a guerra de todos contra todos e, o darwinismo socioeconômico, troca ideais de solidariedade pela competição: Eu = Eu – Tu. Na concepção neoliberal, não há um lugar para as políticas igualitaristas e emancipadoras. A solução para iniquidades na sociedade é o mutirão em favelas e o voluntariado em praças, não o engajamento das autoridades e da coletividade. A participação social é um esporte.

Os meios de comunicação, a internet, as redes digitais e as *fake news* robotizadas são as fontes da manipulação, na ausência de uma legislação local e global sobre o assunto. Atrás da tal liberdade defendida pelo populismo direitista, para ludibriar, encontra-se o inadmissível negacionismo da dignidade humana, junto ao tratamento dos recursos naturais como mercadorias extrativas para potencializar o lucro imediatista. 1% dos habitantes de Gaia se beneficia do modelo predatório, insustentável social e ambientalmente. A associação com a necropolítica é evidente. Compreender, etimologicamente *cum* / com e *prehendere* / pegar, não implica fazer do povo objeto para enganar, moldar, manobrar. O outro é sempre uma alteridade necessária à constituição de nossa identidade, construída em um desdobramento: Eu = Tu + Nós, para sair do labirinto da extrema direita. Xô ***X***!

Luiz Marques *é Docente de Ciência Política da UFRGS, ex-Secretário de Estado da Cultura do Rio Grande do Sul.*

Compartilhe nas redes: